



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA

O SECULO

≡ RITA ≡

História contada á beira-mar

P O R W A N D A

Desenhos de A. CASTAÑE

ESTA praia da Nazaré, muito alegre e movimentada, com as suas casas muito branquinhas, tem um encanto pitoresco.

Terra de pescadores, que, com seus costumes e trajes típicos — os homens de calça e blusa em xadrez preto e branco, grandes faixas pretas que enrolam 5 e 6 vezes á volta da cinta e barretes de grande borla de lã; e as mulheres, ou vesti-

das de preto, ou capas pretas e um chapelinho de feltro preto com grande «pompom» de seda ao lado — lhes dão um aspecto sobremaneira original.

— É interessante assistir á azáfama dos pescadores; quando puxam as rédes os seus gritos enchem a praia; mas são pungentes, chorosos gritos de desolação (principalmente os das mulheres que, quando falam, parecem chorar sempre), quando as rédes veem quasi vazias. Porque, meus meninos, esta pobre gente — tão pobrezinha! — vive do mar; é o mar o seu tesouro, do qual vão extraindo, a pouco e pouco, mas com grande esforço e risco, o seu sustento. Se há peixe, é uma labuta enorme: — todo o dia se grita, se leilôa, se salga e trabalha-se até madrugada; mas se não há... calculem que tristeza!... É a miséria... a fome!...

Pois se os pescadores só sabem pescar!...

Numa deliciosa tarde, em que uma luz doirada e viva, sem ser forte, inundava a praia, fui-me sentar, numa extremidade, com o mar a meus pés, afagando, cariciosamente, a areia, meditando num contosito com que desejava entreter os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum» — que ficaram bem em seus exames — um dia das suas férias, quando reparei num interessante grupo que estava perto de mim: — Uma rapariga, não muito bonita, mas graciosa — tipo de rapariga moderna — tendo em redor, formando semi-circulo, uma garotada que se entrelinha diversamente... Os mais pequenos faziam covas na areia que depois enchiam de água, que iam buscar ao mar, com os seus baldezinhos garridos; dois garotos, entre os 10 e 11 anos, jogavam ao prego; duas raparigas, talvez de 12 a 14 anos, faziam *crochet*, conversando com a mais velha, que bordava. Um rapazola, dos seus 13 anos, tomava parte na conversa e outro, pouco mais velho, estava estendido a lêr muito interessado.

Distraía-me na contemplação deste quadro encantador de graça e simplicidade, quando ouvi uma das pequenas que fazia *crochet*, exclamar:

— Véra, se nos contasses uma história?! Uf! com este calor não apeteço fazer nada, está-me a dar um sono...

— Valeu, Véra? disse o rapaz que com elas conversava) e logo os que jogavam o prego, secundaram alvoroçados:

— Conta, Vêrazinha, tu sabes tantas e contas tão bem... não digas que não!...

E até os mais pequenitos, deixaram os seus castelos de areia a desmoronarem-se e pediram:

— Olá, Véra, uma história pá gente ouvi!

— Não senhor, vão para as suas brincadeiras que a



Véra vai contar uma história das que vocês não percebem. É só para nós, que «compreendemos tudo», (sentenciou uma das que jogavam o prego).



— É peçêbo tamém... é já não queo a bincadeia... é queo ouvi! — revoltou-se um galatinho.

— Já não sei mais histórias, esperem pelas do «Pim-Pam-Pum» na quinta-feira — defendia-se a rapariga.

— Não sejas má, inventa qualquer cousa para passarmos o tempo! — (teimavam todos em côro, a que se juntava, com infinita graça, o garrular dos mais pequenitos):

— *Inventa, Vêa, pá inlehtë a zente; ê cá tou quêtnho...*

Depois de ter dito que não podia inventar com um calor daqueles, que até lhe paralisava a imaginação, mas sempre, muito instada, teve de condescender, fazendo-os prometer que iam estar tódos muito calados.

— Vocês, Milita, Nêzinho e Lêna, não comecem com os vossos: «e poquê? e pois? e ela morreu?» Tu, Guida, não preguntes, logo no meio, se casáram, e tu, Henrique, guarda as tuas observações de doutor para o fim.

Tódos prometeram solenemente—Nêzinho, o mais pequenito e mais atrevido, declarou:

— *E cá quando tivê abocido vou-membôla!*

E eu prometi também, para mim, ouvir com atenção, para contar aos leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum», a história que Vêa, depois de ter pensado uns minutos, olhando sorridente o mar, começou assim:

«Vivia aqui, nesta praia da Nazaré, uma rapariga chamada Maria da Luz. Tinha 15 anos, muito franzina e baixinha, parecia ter muito menos; com umas maneiras tão elegantes e airozas ninguém diria, ser filha de pescadores. Bastante morena...

— *Atão êa* — (interrompeu um miúdo, que ia ficando fulminado pelos olhos dos outros... a sua pele parecia doirada pelo sol, com uns olhos azuis, muito escuros e grandes e trazia sempre 2 tranças muito grossas e loiras, loiras como ouro, sóltas ao vento. Era bonita, mas, sobretudo, muito engraçada e alegre, com um ar extravagante de rapariga criada à lei da Natureza.

— (Nesta altura, o rapaz que lia e já há um momento tinha o livro meio fechado, abandonou-o e pôs-se a escutar, atento).

«Maria da Luz era órfã. O pai tinha morrido no mar — que é a sepultura de quasi todos os pescadores — e a mãe, muito fraca, pouco tempo resistiu ao desgosto, deixando-a, muito pequenina, entregue ao avô que era Arrais do barco «Maria da Luz», e para quem a pequena era a verdadeira luz dos olhos. Deixava-lhe fazer o que ela queria e, assim, criada sem mãe — que é quem nos guia, quem nos aconselha, quem nos ensina a viver — tornou-se uma plantazinha bravia. Queria muito ao seu avô para quem

tinha as maiores ternuras, adorava o mar até à idolatria, mas era voluntariosa e não admitia repreensões, nem se domava aos conselhos de ninguém. A sua casa andava assada, com as suas esteiras muito limpas e, tódo o tempo que lhe sobrava, ia para a praia, brincar com o mar, a quem ela chamava o «deãozinho». Sempre alegre, sempre contente, tódos gostavam de a ver andar por aqui, de pernas à vela e as grandes tranças, loiras, sóltas ao vento, a conversar com o seu amigo mar. Outras vezes passava, à tardinha, com uma sardinha assada metida no pão e um rancho de gatos atrás, aos quais, rindo perdidamente, ela ia distribuindo a sua merenda, sempre a correr para os obrigar a segui-la.

— *E tamém dou ao taêco da minha meenda, cumâ Maia da Luz*, — (interrompeu um dos miudinhos que foi logo pôsto fóra do grupo pelos outros).

— «Que doida! — diziam as pessoas da terra,

— Tu não comes nada, afinal!

— Deixa-lo, êles tamém precisam comer — e apertando a barriga abalava rindo, satisfeita:

— Inda ficou mais cheia!

Quando alguém lhe dizia: — Feliz criatura, tens sempre vontade de rir! — respondia:

— Ora, a vida são dois dias e eu ainda hei-de ser muito rica... ri-ca! e hei-de comprar rédes novas a vocês todos!

— Espera casar com algum príncipe, o dianho da rapariga?!

— Não, mas hei-de encontrar um tesouro, o melhor tesouro do mundo — e, sempre bem disposta, contagiava de alegria esta pobre gente que só sabe chorar!

O seu gosto seria acompanhar o avô quando êle ia ao mar, mas o velho nunca consentiu. E quando ela teimava, respondia tristemente:

— Foi êle que te roubou o pai... será êle que me levará a mim.

Maria da Luz não teimava mais, entristecia mas... não podia querer mal ao seu querido mar! Sentia-se feliz em ajudar o avô no arranjo das rédes e, quando na faina



do arrasto puxavam as rédes, a sua vizinha, vibrante, sobressaía no meio de todas:

— Arriba! Venha arriba com o corpo de Deus! e então tão depressa estava em baixo, como logo estava em cima, puxando as cordas com um entusiasmo e uma força que causava admiração aos velhos pescadores.

Uma madrugada o avô foi para a pesca e quando, quasi noite, vinha para alcançar a praia, desabou uma



tempestade que os não deixava atracar e lhes impedia a retirada. Da praia presenciavam a catástrofe e, de todos os lados, se ouviam gritos aflitivos:

—Jesus, valei-lhes! Senhor dos Nazarenos, acudi-lhes! Ai o meu rico filho que o não torno a vér! Sem uma lágrima, sem um grito, muito pálida, Maria da Luz assistia no alto duma pedra, áquela luta entre os homens e o mar, e a sua figurinha imóvel mais parecia uma estátua.

E o mar venceu os homens... ninguém se salvou.

—Ora vejam, esse mar tão tranquilo, a mexer-se preguiçosamente, onde os meninos vão buscar água para encher as covinhas, que já inspira os teus primeiros versos, Manuel... olhem como ele brinca com a areia... é um leãozinho a fingir de gato! Mas quando se zanga... é medonho e destrói tudo, nada resiste aos seus ímpetos de fera enraivecida!

No inverno, a sua voz engrossa e vocês teriam medo se ouvissem, de noite, o seu u-u-u... Ondas, muito altas e cerradas, despedaçam-se na areia com bramido e repetem sempre u-u-u...

Pensativos, os pequenos olhavam todos para o mar, como se nunca o tivessem visto.

—Não é tanto de meter medo, Vera! Parece-me que até havia de gostar de assistir a um espectáculo desses, interrompeu Henrique, que continuou ao ver que não se zangavam: —O José Paulo que esteve o ano passado na Ericeira, contou-me que assistiu a uma scena dessas e que gostou imenso de ver o mar assim bravo.

—Sim, é talvez grandioso o espectáculo do mar assim colérico e alteroso, mas a tragédia que isso representa?

—E' verdade, disseram todos; oxalá que nunca vejamos o mar assim zangado.

O seu amigo mar deixou sozinha no mundo Maria da Luz que... não o podia odiar! Queria-lhe sempre na mesma... agora era o seu unico amigo...

Algumas pessoas da Serra procuravam que destino haviam de dar á pequena, porque todos eram muito pobres e ninguém podia tomar encargo dela e a pobresinha ouvia falar do seu destino, sem parecer dar por nada.

Foi assim que entrou para criada duma familia que estava a veranejar. Vestiram-lhe um vestido preto, muito apertadinho, de gola e punhos brancos e puzeram-lhe as tranças num carrapito e no alto da cabeça uma renda branca. Quando assim se viu, a pobre Maria da Luz, chorou agarrada ao seu velho fato, muito largo, muito mal feito, mas onde ela se sentia bem. A alegre e estouvada rapariga nunca mais riu, nunca mais brincou. Fazia tudo

quanto lhe mandavam submissa, delicada, mas tinha-se a impressão de que obedecia como escrava, de que aquele fato era um colête de forças que a sufocava... que a matava!

A' noite, quando podia, ia de fugida ter com o seu mar e falava-lhe, ralhava-lhe:

—Para que ficaste com o meu avô? Não vês agora a linda figura que tenho com este vestido que até pareço um fantoche...

E os dias iam-se passando...

Os patrões eram ásperos para ela —os filhos troçavam do ar absorto e melancólico da pobre rapariga, sem compreenderem quanto é triste estar só no mundo, sem ninguém que nos ame, que tenha cuidados connosco.

—Isso é verdade! que seria de mim se não fosse a máizinha e o paizinho serem tão meus amigos? E se ela tivesse o sarampo, e a tosse convulsa, como eu tive, quem a tratava?

—Pois por isso mesmo, Lourdes, os deves amar cada vez mais. Nunca os fazeres zangar porque não há riqueza nem felicidade maior do que ter paizinhos como os nossos —respondeu, comovida, Vera, beijando a pequenita, e concluiu:

Havia na Serra uma pessoa, que, mais do que ninguém, sentiu a desgraça de Maria da Luz. Era Zé Petinga, um pobre enfezado de pernas tortas, órfão como ela, que servia de escárneo á rapaziada, mas de quem a pequena tinha feito seu protegido e, onde estava Maria da Luz, ninguém escarnecia ou fazia mal a Zé Petinga. Ela estimava-o como estimava os seus gatos, tirava da sua boca para lhe dar, como para dar aos gatos. Era ela que lhe arranjava a roupa, lhe concertava os fatos, e um dia, com seus olhos muito tristes de cãozinho fiel, elle levou-lhe umas calças e camisola escura que lhe havia dado um senhor e pediu-lhe para as ajeitar ao carpo. Que estranhos pensamentos passaram pelo cérebro da rapariga, olhando aquella farpela já cocada? Nessa tarde ainda andou mais preocupada e, á noite, depois de tudo deitado, foi ás escondidas visitar o seu mar. Falou-lhe, pediu-lhe conselhos, censurou-o por ter feito a desgraça dela e, a certa altura, num impulso de cólera, arrancou a renda branca da cabeça, a gola e os punhos arreMESSANDO-lhe tudo.

Assim passou a noite e, já de madrugada, depois de muito ter chorado, de ter beijado a areia e a água do mar com meiguices infantis, partiu correndo para o lugar onde passava a camioneta que vinha de Alcobaca para

O MENINO AMBICIOSO

POR AUGUSTO de SANTA-RITA

Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

PEDRINHO era um menino de dez anos, que cobiçava tudo quanto via e tudo achava pouco.

Quando, com seus papás, ia a um bazar de brinquedos, fazia um berreiro e esperniava se lhe não davam os melhores «bonitos». Desdenhava dos brinquedos baratos e, batendo o pé, exigia sempre os mais dispendiosos.

A's vezes, de castigo, voltava para casa sem nenhum, mas, a-pesar disso, nunca se emendava.

Um dia, Pedrinho pediu ao pai que lhe comprasse um anzol, mas que fôsse de ouro. Preguntando-lhe o pai porque razão queria que fôsse de ouro, respondeu, com soberba e toleima, que era para se não confundir com os do pescador Atias, que eram todos de ferro. E tanto instou que o pai fez-lhe a vontade, encomendando, num ourives, um anzolzinho de ouro.

No dia seguinte áquele em que o pai lho tou-



— E, três minutos depois, lançaram as linhas à água, pacientemente aguardando que o peixe mordesse a isca.

Ao fim de dez minutos, Pedrinho viu mergulhar a cortiça, a meio da linha, e sentiu uns arrancos que eram sinal de peixe. Radiante, ergueu a cana e viu, preso no anzol, um dourado goraz a estrebuxar e a dar às barbatanas. Embora com certo medo que o peixe lhe mordesse, deitou-lhe a mão e dispunha-se a livrá-lo do anzol e a atirá-lo para o cabaz que tinha ao lado, quando, súbitamente, com grande espanto seu, o ouviu falar:

— «Não me mates que eu sou o Rei desta ria. Deixa-me ir novamente para o seio das águas e dar-te-hei, em troca, tudo quanto me peças.

— «Aceito a tua proposta» — (respondeu o menino), olhando para o peixe e para o Atias que estava boquiaberto de pasmo.

— «Então, que queres em troca?!» — tornou o goraz,

— «Quero vir a ser muito rico sem ter que trabalhar».

— «Pois bem:— (disse o peixe, vomitando uma enorme pérola e um lindo coral, ao mesmo tempo que tirava uma escama da pele e acrescentando):— vai vender esta pérola e este coral que valem uma grande fortuna e guarda sempre contigo, como recordação esta escama».



xera, resolveu ir pescar e foi pedir ao Atias que o acompanhasse.

Preparadas as canas e as iscas, partiram para umas rochas á beira duma ria. Assim que lá chegaram, Pedrinho, todo ufano, pôs-se a desdenhar dos anzóis do Atias e fez-lhe notar que era de ouro o seu.

— «Bom proveito lhe faça!» volveu o pescador, levemente trocista.



Pedrinho, atirando, novamente, o peixe à água, guardou logo o coral, a pérola e a escama, muito bem guardados e já não quis pescar mais.

Atias, porém, continuou a sua faina pacientemente. Pedrinho limitava-se, agora, a vê-lo pescar.

Nisto, a cortiça do Atias mergulhou também. Novos arrancos no anzol, novo sinal de peixe.

Erguida a cana, Atias, satisfeito, viu, preso ao anzol, o mesmo goraz de há pouco.

— «Não me mates — (tornou o peixe) — que sou o Rei desta ria. Deixa-me ir, novamente, para o seio das águas e dar-te-hei, em troca, tudo quanto me peças!»

— «Está dito». — Volveu o pescador, olhando para o goraz e para Pedro que estava boquiaberto de pasmo.

— «Então, que queres em troca?» — Tornou, de novo, o goraz.

— «Quero que o meu trabalho seja sempre bem recompensado. Que, trabalhando, eu viva sempre contente e na abundância».

— «Pois bem — (disse o peixe) — leva, num frasco, para casa, toda a água que escorre do meu corpo. Extrai-lhe, depois, o sal e, todas as manhãs, põe na boca uma pitadinha dêle.

Aproveitando a água que do seu corpo escorria e, novamente, lançado o peixe à ria, Atias guardou o frasco e continuou pescando.

— «Para que pescas mais se, como eu, já tens certo o dia de amanhã?!» disse o Pedrinho dispondo-se a deixá-lo.

— «Pois sim, mas, não tenho o de hoje!» — respondeu o pobre pescador, continuando a pescar.

Entretanto, a assobiar e aos pulos, Pedrinho correu a casa e pediu aos pais que lhe vendessem o coral e a pérola, depois de lhes contar o sucedido.

Duas horas depois, Atias regressava, também, à sua casinha pobre, com dois cabazes a transbordarem de peixe. A mulher, ao vê-lo, ficou espantada da abundância e êle, então, contou-lhe o sucedido, ficando ambos muito satisfeitos.

Todas as manhãs, Atias punha uma pitadinha de sal na bôca e lá ia, cantando, para a pesca que era sempre abundante.

Pedrinho que estava, agora, muito rico, pois já vendera o coral e a pérola, tinha tudo o que queria, mas, farto de tudo, já vivia sempre aborrecido. Já nada podia desejar e, por esse motivo, vivia sempre... *escamado*, ao contrário de Atias com *salzinho na bôca*,

sempre alegre e...



Pedrinho, sem ter em que se ocupar, embora rico, tornou-se um neurastênico, um doente, e Atias, pelo contrário, quanto mais trabalhava mais apreciava a Vida.



Lisboa. Ai, tomou assento, com uma trouxa debaixo do braço e embrulhada num challe velho.

O que iria fazer em Lisboa? Servir, seria a mesma vida e não valia a pena ter deixado os lugares queridos; não tinha um parente, um simples conhecido que a guiasse! Depois... depois ela queria viver ao pé do seu querido mar...

É a pobre Maria da Luz — alma sedenta de liberdade e independência, como a avezinha que a gaiola oprime e mata — andou, andou todo o dia por essa Lisboa que não conhecia nem a encantava tão oprimido trazia o coração pela saudade e pela incerteza do seu destino, até que, quasi noite, foi ter ao cais dos embarques... Pequena, muito embrulhada no velho challe, passava desprezada.

Ia por ali grande azáfama porque estavam carregando o Niassa que devia partir, de madrugada, para o Rio de Janeiro.

Ela, num canto, muito encolhida, olhava para toda:

aquela balbúrdia e inebriava-se ouvindo o bater das ondas no casco do navio.

—Que lindo barco e que felizes os que all iam!...

De repente, viu que se encaminhavam, para o lado onde ela estava, dois homens conversando; e mais se anichou junto duns caixotes, ouvindo o que um deles dizia:

—Lá foi para o hospital com uma perna partida; nem sei explicar como aquilo foi.

—Coitado do Chico — respondeu o outro — e faz falta porque era geitoso para tudo; apenas com 17 anos fazia mais serviço que muitos homens. Afastaram-se... ela deixou de os ouvir e continuava na mesma posição a pensar... a pensar!

De repente, deu um salto, exclamando:

—Vou tentar!

Aproximou-se dum carregador e perguntou:

(Continua no próximo número)

ENIGMA PITORESCO Por AMÉRICO GONÇALVES

um **M** ^{verão} **W** **O** ^{des} **10** ^{sem} **100**
 Séculos **DIA** ^{so} **10** ^{sem} **100**
^{mo} **O** ^{uma} **N** ^{genero de peixes acanthopterygios} **D** **2080320**
 Livro de poesias de Ant. rup Nobre & L.  ^{-a tem} **Peixe do Brasil** **6 L**
 Américo Gonçalves - Bragança

PALAVRAS CRUZADA E PROBLEMA

HORA DE RE-CREIO

Decifração das maças das geográficas e desportivas

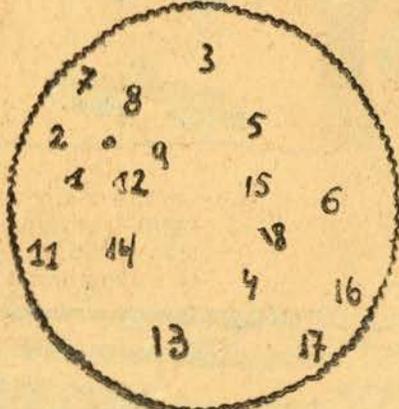


HORIZONTAIS: 1 Caverna, fosso. 2 Homem disforme, verifiquei, interjeição. 3 Palavra francesa, verbo. 4 Vogal, nome de mulher, 3 letras de oiro. 5 T. de verbo, arte em francês, consoante. 6 Animais, parte dos membros superiores. 7 Palavra francesa, idem, t. de verbo. 8 T. de verbo, define.

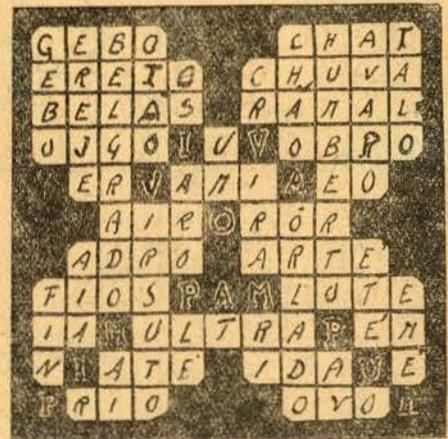
VERTICAIS: 1 Celebridade. 2 Junta, espaço de tempo. 3 Tornar raro, vogal. 4 Palavra espanhola, raparigas. 5 Vogal, voguis, ao em francês. 6 Consoantes, carta de jogar e consoante. 7 Nome de homem, pronome pessoal. 8 Vogal, tornar ritmado. 9 Luz natural nocturna, ária em francês. 10 Palavra francesa, flôr.

Alcacer do Sal
Arcos de Val de Vês
Terras de Bouro
Vila Nova de Foscoa
Vila Nova de Ourem
Campo Maior
Vilar Formoso
Celorico de Basto
Vimioso

Avelino Martins
Alvaro Pereira
Alvaro P na
Pedro Temudo
Carlos Alves
António Rouquete
Jorge Tavares
João dos Santos
José Luís
Acácio Mesquita
Valdemar Mota

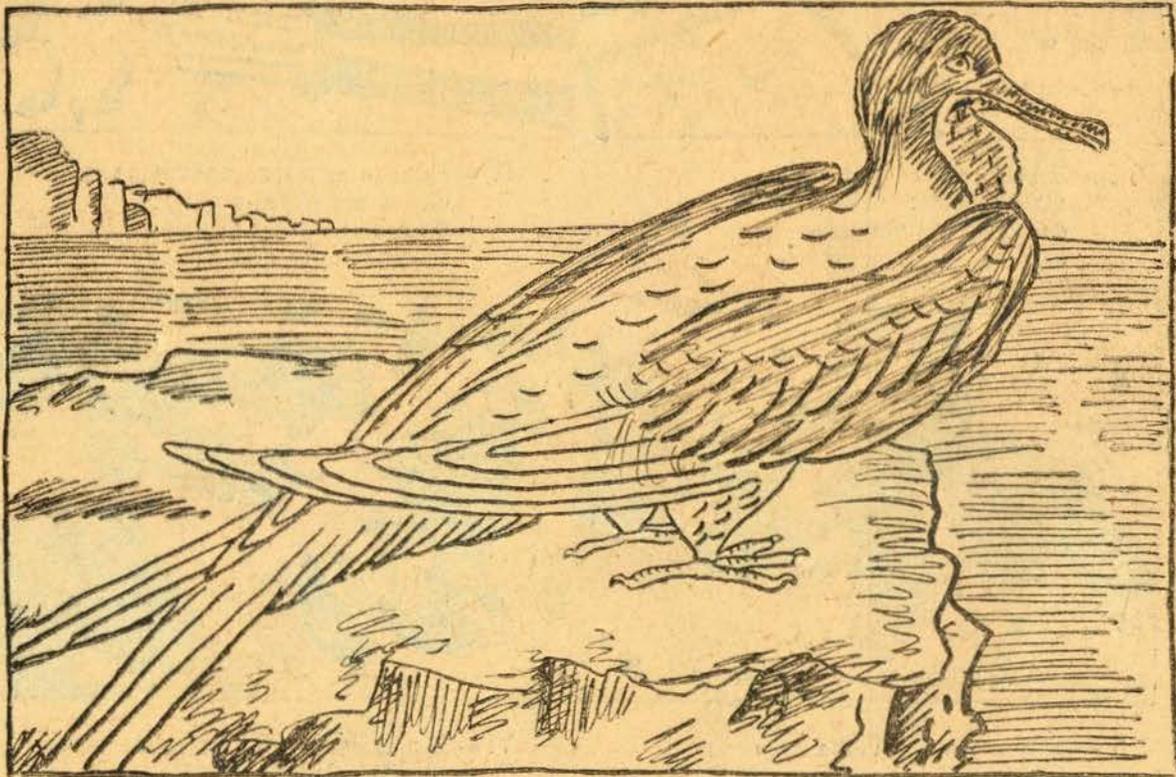


O problema consiste em separar os algarismos por traços de forma que o círculo fique dividido em 18 partes.



Solução do anterior

PARA OS MENINOS COLORIEM



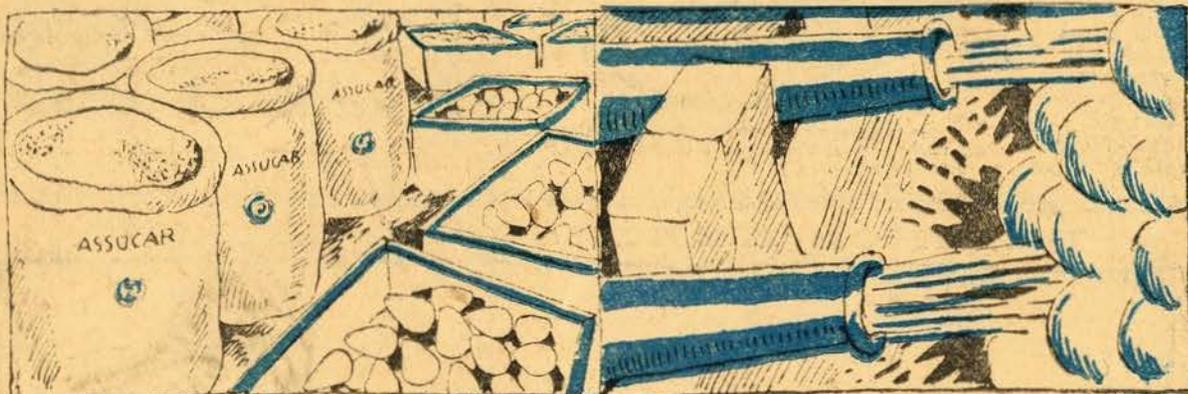
A ÁGUIA FRAGATA — (Tachypetes aquilus)

BOLOS POR BALAS



I — O general Velho Figo ouve do seu ajudante a nova assaz alarmante de estar perto o inimigo,

II — Começa um intenso fogo sôbre as invasoras alas; mas, dois dias após, logo se acabam todas as balas.



III — Sobram, em compensação, mantimentos: — ovos, mel... de que havia munição em quantidade, a granel.

IV — Quando as tropas assaltantes dão já por ganha a batalha, de novo as peças gigantes vomitam nova metralha.



V — E' que o nosso Velho Figo improvisara granadas de bôlos, arremessadas por sôbre o campo inimigo.

VI — E a indigestão foi tamanha sofrida pelo inimigo, que o general Velho Figo o venceu com esta manha.